



INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
MARILZA PEREIRA DOS SANTOS

A FILOSOFIA INICIAL EM PIERRE HADOT – UM MODO DE VIDA

SEROPÉDICA, 2015.



MARILZA PEREIRA DOS SANTOS

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) para obtenção do Título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Francisco José Dias de Moraes

SEROPÉDICA, 2015.

FOLHA DE APROVAÇÃO

A FILOSOFIA INICIAL EM PIERRE HADOT – UM MODO DE VIDA

MARILZA PEREIRA DOS SANTOS

Monografia defendida e aprovada no dia ____/____/____.

BANCA AVALIADORA:

**Profº Drº Francisco José Dias de Moraes
ORIENTADOR**

**Profº Drº Admar Almeida da Costa
PRIMEIRO MEMBRO DA BANCA**

**Profº Drº Affonso Henrique Vieira da Costa
SEGUNDO MEMBRO DA BANCA**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos: Cristiane, Ícaro e Gabriele, cujo amor, amparo e cumplicidade, constituem um porto onde minha existência percorre um caminho em busca de meus sonhos.

Ao meu genro e amigo Cleber o qual juntou-se a nós para percorrer essa estrada de sonhos possíveis.

Às netas Melissa e Julia Luisa, razão da alegria dos meus dias, que também vivenciam esses nossos sonhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, causa primeira e inteligência suprema pela sua manifestação em toda criação. Aos Mestres, professores do curso da segunda graduação em Filosofia da UFFRJ, pela dedicação e disponibilidade em partilhar seus ensinamentos, suas experiências adquiridas em suas carreiras de sucessos, em particular aos que, de alguma forma, despertaram em mim o desejo de vencer minhas próprias limitações: Profº Dr. Admar Almeida da Costa, Profº Dr. Affonso Henrique Vieira da Costa, Profº Dr. Dario Alves Teixeira Filho, Profº Dr. Eduardo Gomes de Siqueira, Profº Dr. Edson Peixoto Resende Filho, Profº Dr. José Nicolau Julião, Profº Dr. Luiz Celso Pinho, Profº Dr. Manoel Barros da Motta, Profª Drª Nelma Garcia de Medeiros, Profº Dr. Pedro Hussak Von Velthen Ramos, Profº Dr. Renato Noguera dos Santos Junior, Profº Dr. Renato Valois Cordeiro e Profº Dr. Wanderley dos Santos.

Ao professor-orientador Profº Dr. Francisco José Dias de Moraes, por sua habilidade em transmitir conteúdos significativos validando meu aprendizado e pela condução harmoniosa e paciente deste trabalho.

Aos professores da comissão examinadora por suas análises e disponibilidades em contribuir conosco.

“ Em geral, só imaginamos Platão e Aristóteles com grandes túnicas de pedantes. Eram pessoas honestas e, como as outras, rindo com seus amigos; e, quando se divertiram em fazer suas Leis e sua Política, fizeram-nas brincando. Era a parte menos filosófica e menos séria de sua vida. A mais filosófica consistia em viver simplesmente e tranquilamente”.

(Pascal)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I - A FILOSOFIA INICIAL EM HADOT.....	11
1.1 – A definição de sophia.....	11
1.2 – A definição de filósofo.....	13
1.3 – A filosofia como modo de vida no platonismo.....	15
1.4 – A filosofia como modo de vida no aristotelismo.....	17
1.5 – A filosofia como modo de vida no helenismo.....	19
1.6 – Sócrates – verdadeira tomada de consciência.....	21
CAPÍTULO II- EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS.....	23
2.1 – Exercícios do corpo e da alma.....	23
2.2 – A figura do sábio e a escolha de vida.....	26
4. CONCLUSÃO.....	29
5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	30

RESUMO

O presente trabalho é o resultado da pesquisa, leitura e compreensão das obras de Pierre Hadot (1922/2010), filósofo, filólogo e historiador francês, especialista da filosofia antiga, este tem como objetivo apresentar o olhar investigador e filosófico do autor em algumas de suas obras utilizadas como referência. O diálogo tecido internamente com o pensamento do autor objetivou o repensar no contexto contemporâneo sobre a prática do filósofo e da filosofia como modo de vida, assim como dos exercícios espirituais apresentados como práticas voluntárias e pessoais destinadas a uma transformação interior, motivos que por ora fundamentarão nossa reflexão.

Palavras-chave: modo de vida, reflexão, exercícios espirituais

ABSTRACT

This work is the result of research, reading and understanding of the works of Pierre Hadot (1922/2010), philosopher, philologist and french historian, expert of ancient philosophy, this aims to present the look and philosophical investigator of the author in some of his works used as reference. The dialogue internally tissue at the thought of the author aimed to rethink the contemporary context of the practice of the philosopher and philosophy as a way of life, as well as the spiritual exercises presented as voluntary and personal practices to an inner transformation, reasons that for now will base our reflection.

Keywords: way of life, reflection, spiritual exercises

INTRODUÇÃO

Na busca pelo entendimento e origem do pensamento filosófico como modo de vida na Antiguidade, mais precisamente na Grécia antiga, Pierre Hadot debruça-se sobre a história da filosofia antiga numa investigação que levará à compreensão de que a filosofia não corresponde, na atualidade, à sua fundamentação inicial. É evidente que o sistema capitalista serviu para o distanciamento do homem da sua humanização e civilidade enunciadas no prefácio de seu livro: “O que é a filosofia antiga”. Em tal obra o autor esclarece as mudanças sofridas, ao longo do tempo, na maneira como é praticada e exercida a filosofia. Podemos observar que um dos objetivos adotados pelo sistema educacional ao longo de sua trajetória se fez e/ou faz, em conhecer filosofias e os filósofos de uma maneira ampla ou melhor, desprovida de limitações, mas ao contrário, o que observamos é um cenário diferente. Universidades e estabelecimentos de ensino geram prioridades a determinadas filosofias e a alguns filósofos em detrimento de outros de igual ou maior significância, permanecendo os educando com uma deficiência de informações. Além do mais, aos alunos é apontado como um fazer-necessário redigir uma dissertação em que demonstrem conhecer bem os problemas postos pelas teorias deste ou daquele autor para obtenção da certificação do curso. Contrapondo-se a esse saber filosófico como construções adquiridas de uma forma exterior, mais particularmente às administradas pelos cursos de filosofia, é que o autor encontrará a trajetória da prática do filosofar dos antigos como um modo de vida e então tentar responder às formas problemáticas do humano no mundo.

Olhar para a filosofia na Antiguidade junto com Hadot significa olhar para uma série de rupturas na atualidade. Dentre elas podemos destacar como uma das causas o fato de que comentadores e tradutores serviram-se dos textos originais distanciando-os, cada vez mais, dos pensamentos iniciais de seus autores.

Entendemos a utilização crítica elucidativa do autor, em que o estudo acadêmico de filosofia reduz-se a propor aos alunos conhecimentos sobre filósofos e filosofias mais consideradas como forma de conhecimento. Além do mais, para que os alunos possam obter seus diplomas, é necessário apresentar uma dissertação que demonstre conhecimento sobre tal autor e sua teoria, ou ainda terá que demonstrar suas reflexões sobre um problema qualificado de filosófico. Neste sentido fica evidenciada a dicotomia entre a Filosofia na Antiguidade, a Filosofia Medieval e a Filosofia Contemporânea, a qual se torna mais acentuada ainda no

curso do Ensino Médio, onde a proposta pedagógica do ensino filosófico apresenta-se de modo divergente de seus autores primeiros.

Pierre Hadot é criterioso quando nos diz que historiadores deveriam ter a clareza de quando estudam filosofias e obras filosóficas, é primordial levar em consideração que estas são instrumentos pelo quais devem se guiar para que haja fidelidade ao pensamento primeiro dos autores, conforme o exposto a seguir:

[...] o filósofo deve sempre permanecer vivo no historiador, sendo necessário tentar reviver integralmente em si, a *démarche* filosófica do autor, a um só tempo o movimento do pensamento, e se possível, todas as intenções do autor. O estudo desta *démarche* permitirá, talvez, reconhecer os dois pólos da atividade filosófica: o discurso e a escolha de vida (HADOT, 2009, p.227)

A filosofia inicial em Hadot apresenta pesquisas e as conseqüentes descobertas feitas pelo mesmo a respeito da historicidade da filosofia baseando-se na perspectiva do modo de vida vivenciado pelos primeiros pensadores da Grécia, passando pelo platonismo, o aristotelismo e algumas outras escolas filosóficas do mesmo período. Além disso, apresenta a relação de Sócrates com a filosofia como um modo de vida, validando a temática apresentada.

No estudo das suas reflexões, sobre os exercícios espirituais praticados pelos antigos como forma de vivência, o cuidar de si (*epiméleia heautou*), aparece como implicação do cuidar da alma e que é sem dúvida o autoconhecimento, ponto fundamental à vivência filosófica.

Com a indicação dos exercícios espirituais como prática filosófica sistemática em todo período Antigo, legitimou suas pesquisas, apontando para uma mudança na nova compreensão do fazer existir da filosofia na atualidade. É no cuidar de si que começa o conhecimento, um convite à liberdade do exame de valores e rupturas com as convenções desprovidas dos mesmos. Tal convite é evidenciado no “*conhece-te a ti mesmo*”, esculpido no templo de Apolo, no oráculo de Delfos.

Reportamo-nos ao pensamento de Michel Foucault (FOUCAULT, 2011, p.10), quando diz que foi Sócrates o primeiro a falar sobre o “cuidar de si”, significando no cuidado da cidade. Torna-se imprescindível reconhecer os juízos lançados sobre a Filosofia, sobre o Filósofo, examinando o papel que lhes cabem em assumir compromissos com a educação do homem, na construção do seu conhecimento e na conseqüência de ser responsável por sua autotransformação.

O que sobressai atualmente, de acordo com o cenário mundial, seja por quais forem os veículos de comunicação, ou mesmo nos diálogos com as pessoas, são verbalizações dos

tipos: “não tem mais jeito”, “está tudo perdido”, “é o fim do mundo” ou ainda “temos que ir à luta”. Isso nos remete a ponderar e considerar sobre questões como: Há solução? O que busca o homem para si e seus semelhantes? A resposta para tais questões, não a possuo. Todavia, a filosofia pode ser entendida como um convite a uma busca interior para que possamos distinguir, considerar e propor mudanças para tais questões.

A partir desta vertente é que tomei como fonte de inspiração e conhecimento, Pierre Hadot, um filósofo a frente de seu tempo, inspirador de tantos outros filósofos, por seu ponto de vista inovador, no que se refere à Filosofia como modo de vida, que em sua compreensão poderá ser o indivíduo que se coloque apto a participar dela. Neste compromisso de mudança Hadot fala sobre a estrutura dos cursos de Filosofia nas Instituições de Ensino na atualidade, não correspondendo às práticas comuns dos pensadores gregos antigos, conforme citado anteriormente, pois só há interesse dos alunos pela disciplina por estar a mesma condicionada a uma aprovação, salvo os casos em que alunos estejam envolvidos intelectualmente com um professor ligado em uma das “escolas filosóficas”, representando esse saber contagiante. Sem a pretensão de dar a última palavra, utilizarei como referências a ótica de Hadot, como se verificará no decorrer deste trabalho.

CAPÍTULO I - A FILOSOFIA INICIAL EM HADOT

1.1 A definição de *sophia*

Ao iniciar, trazemos como esclarecimento que um dos objetivos do autor em suas pesquisas foi demonstrar as diferenças entre as representações sobre o que faziam os antigos filósofos e que se faz atualmente da *sophia*, tendo sua concepção antiga ocultada parcialmente, na Idade Média, e que a seguir consideraremos.

Para melhor entendimento, evidenciamos que somente no séc.Va.C, na Grécia, surgiram as palavras da família *philosophia*, todavia foi Platão, no sec.IV a.C., que a definiu filosoficamente,e Aristóteles juntamente com toda a estrutura da história da filosofia intitularamos primeiros pensadores gregos como filósofos, mais particularmente os oriundos das colônias da Ásia Menor os quais se estabeleceram em Atenas, lugar que se transformou no centro de toda atividade intelectual.

Podemos apontar que supostamente os pré-socráticos, que viveram nos séc.VII e VI, dentre eles citamos Pitágoras e Heráclito, não conheceram palavras como *philosophos*, *philosophen* ou mesmo *philosophia*. Para elucidar apresentamos a seguir o texto de Heródoto, que reproduz o encontro de Sólon, legislador e poeta grego, com Creso, rei da Lídia, onde aparece uma referência a “atividade filosófica” representando termos como: *sophia* e *philosophia*, aludindo um entendimento a uma movimentação histórica.

Meu caro ateniense, a notícia de tua sabedoria (sophiês) e de tuas viagens chegou até nós. Não ignoro absolutamente que, por amar a sabedoria (philosophêôn), percorreste muitos países, por causa de seu desejo de conhecer. (HADOTT, 1999,p.36)

Consideramos que a partir do período de Homero as palavras compostas em *Philo* designavam a determinação de alguém em encontrar a realização dos seus processos interiores, o ato incorporado e realizado pelo saber-fazer. Imprescindível, portanto reconhecer que à época não existia uma noção do termo *sophía* ligada ao saber e sabedoria. Contudo Aristóteles apresenta para nosso entendimento uma consideração de grande importância: para compreender as coisas, é necessário vê-las enquanto se desenvolvem, ou seja, é necessário mergulhar no pensamento daqueles que iniciaram suas reflexões, transportando-lhe fielmente o sentido até os nossos dias.

Para melhor entendimento, o termo *Sophia*, apresentou-se em vários contextos com significados diferentes nos mais variados contextos, que citaremos a seguir como exemplo, o

poema “Íliada” de Homero, referindo-se ao termo como sendo um saber-fazer; em outro, da mesma maneira se apresenta o hino a Hermes quando expõe em um de seus versos que o próprio deus modela um instrumento de uma *sophia*, referindo-se aqui neste caso, como sendo um saber-fazer voltado à arte musical. Em mais uma de sua representação, *Sophía* também foi empregado como designação do conteúdo da sabedoria poética utilizado como uma habilidade, apontando de um lado para astúcia e por outro para a dissimulação.

Encontramos em *Poemas elegíacos*, de Teógnis, poeta lírico, séc.VI a.C., dirigido a Cirnos uma referência a *Sophía* como o poder de influenciar, matizar, dar forma, colorir, o ser. Fica mais claro nosso entendimento quando nos debruçamos sobre a citação abaixo:

Cirnós apresenta a cada um dos teus amigos um aspecto diferente de ti mesmo. Matiza-te conforme os sentimentos de cada um. Um dia te liguês a um e depois procura propósito mudar de personagem. Porquanto a habilidade (*sophiê*) é melhor mesmo do que uma grande excelência (*Arete*). (TEÓGNIS, 1072).

Não podemos deixar de mencionar a infinidade dos significados de conhecimento que o termo *sophia* nos traz. Evidenciamos aqui como exemplo, os escritos deixados pelos Sete Sábios, máximas oferecidas a Apolo em Delfos; Tales de Mileto, detentor de vasto conhecimento científico e técnico, Heródoto e seus poemas, Platão e tantos outros.

Com o surgimento das ciências a partir do séc.VI, novas designações apareceram para o termo em evidência, sendo empregado não somente num contexto artístico como também, em um contexto científico como nos reportamos acima. Vale ressaltar que para os sofistas ela aparecerá como o saber-fazer na vida pública, científica e geral, conforme apresenta o epitáfio de Trasímaco, “Meu ofício é a *sophia*” (HADOT, 1999, p.45).

O termo *sophía*, como tivemos a oportunidade de assinalar, traz consigo uma imensidade de entendimento. Na atualidade sua definição pode ser explicada como sendo sabedoria ou noção de saber, mas deixamos claro que nos primórdios dos tempos antigos, seu emprego e relação à forma de conhecimento permanece em ambiguidade até os dias atuais. Podemos então a partir daqui apresentar a *sophia*, como sendo um ensino e ao mesmo tempo aprendizagem.

1.2 A definição de filósofo

Para elucidar sua compreensão sobre o filósofo, o autor serve-se de o *Banquete* de Platão, apresentando a figura de Sócrates que até nossos dias faz-se reconhecidamente presente. Lúcido e tranqüilo em sua trajetória de vida e morte como tão bem nos fala NIETZSCHE a seguir:

Ele foi para a morte com a mesma calma com que, na descrição de Platão, ele, o último dos convivas, deixa o banquete ao despontar da madrugada, para começar um novo dia; Enquanto atrás dele, sobre os bancos ou no chão, ficam para trás os adormecidos companheiros de mesa, para sonhar com Sócrates, o verdadeiro erótico. Sócrates morrendo tornou-se o novo ideal, nunca antes contemplado, da nobre juventude grega.(HADOT, 1999,p.71).

Fica claro com Hadot, de que é em o *Banquete*, que Platão define e imortaliza a figura de Sócrates como um filósofo. Expõe que a após haver uma tomada de consciência da sua situação como sendo aquele que jamais atingirá a sabedoria, pois caminha numa situação mediana, mas que pode, porém, seguir em sua direção, considerando que somente os deuses e os sábios possuem a totalidade da sabedoria. Compreende-se a partir daqui a Filosofia como representação do saber, pois que ela será o exercício de preparação a toda forma de aprendizagem, não se apresentando, portanto, como amor pela sabedoria. Para a tradição grega ela é mais que um saber-fazer, é um saber-viver e por conseqüência um modo de vida percorrido pelo filósofo e um discurso determinado a atingir tal fim. Como podemos observar no diálogo socrático abaixo:

_ Aqui, Sócrates! Reclina-te ao meu lado, a fim de que ao teu contato desfrute eu da sábia idéia que te ocorreu em frente de casa. (...) Sócrates então senta-se e diz: _ Seria bom Agatão, se de tal natureza fosse a sabedoria que do mais cheio escorresse ao mais vazio... (PLATÃO: 1972, p. 16).

Para fazer essa caminhada através da filosofia, o filósofo deverá seguir uma transformação contínua do seu ser como intermediário consciente de seu não-saber, pois que será movido pelo exercício sistemático em busca do conhecimento que não se dará por osmose e que tem a certeza de que não é sábio. Elucidaremos a seguir servindo-nos da descrição mítica da sacerdotisa Diotima.

As diretrizes que, a sacerdotisa de Mantinéia, apresenta é uma exposição sobre o saber filosófico, a partir da relação da figura de Eros e Sócrates ambos representando realidades opostas. Eros representa o amor, o imortal e Sócrates, o filósofo, o mortal. Nessa interação, o imortal serve de intermediário para o mortal assegurando o que se apresenta a meio caminho

entre o saber e a ignorância. Diotima afirma que: ou se é sábio ou não, não havendo meio termo (HADOTT,1999,p.77). Coloca deuses e sábios como partes integrantes da categoria dos que não filosofam mais porque já atingiram a sapiência e em outra categoria os ignorantes, (não-sábios). Mais adiante propõe uma segunda divisão que se dá na categoria dos não sábios: os inconscientes de sua não-sabedoria, que são propriamente os ignorantes, e os conscientes de sua não-sabedoria: os filósofos. Assim o filósofo consciente de sua não-sabedoria não mais se apresenta como aquele que se coloca intermediando o saber e a ignorância, mas estará mediando esses dois pontos. Contudo esse estado de mediador somente terá realidade à medida que ele, o filósofo, reconhece-se não-sábio e mais ainda, consciente de sua não-sabedoria. Neste momento a filosofia mostrar-se-á como um modo de vida deliberado pela sabedoria. (HADOT,1999,p.78)

Uma referência de Isócrates, orador e retórico, apresenta um momento em que há uma progressão no conhecimento da filosofia e em consequência do saber filosófico. Em seu entendimento, o orador trata da divergência entre *sophia* e *philosophia* no período sofista. Aponta para uma sabedoria perfeita que será por um saber-fazer perfeito na orientação da vida onde podemos nos tornar melhores na medida em que passamos a nos expressar verbalmente bem, apropriando-nos da arte de dizer e bem viver, ou seja, um modo de vida.

Visto que não é da natureza do homem possuir um saber, de tal modo que, se o possuíssemos, saberíamos o que é necessário fazer e o que é necessário dizer, eu considero sábio, nos limites do que permanece possível, aqueles que, graças a suas conjeturas, podem obter o mais possível a melhor solução. E eu considero filósofos aqueles que se entregam aos exercícios graças aos quais obterão o mais rapidamente possível tal capacidade de julgamento. (ISÓCRATES, A Mudança,271)

Filósofo, portanto, não é mais como até o presente se apresentou. Filósofo passa a ser aquele que adquiriu um saber ou um saber-fazer e que coloca a si mesmo em questão, a todo o momento. Esta definição é a que permeia em o *Banquete*: como aquele que tem a sabedoria como desejo a ser realizado e arregimenta tudo para conquistá-la. O Filósofo será também aquele que jamais atingirá a sabedoria caso não se determine seguir em direção a esse aprendizado dialógico e vivencial.

Platão também confere com essa visão um novo sentido ou uma nova proposta pedagógica à filosofia como sendo um modo de vida. A liberdade de pensamento fazia parte da Academia, lugar de livre discussão, da ética do diálogo e da transformação que ela cria. O ato dialógico muitas das vezes levava a aporia ou aos limites do diálogo. Contudo o saber científico não será um conhecimento inacabado, vazio de significados. Estará estreitamente ligado à virtude como educação da personalidade humana. A filosofia, portanto, segundo o

Banquete, não se apresenta como sabedoria, mas sim o exercício para a sabedoria, fomentador de um modo de vida e um discurso determinado pela idéia de sabedoria. A partir de então a etimologia da palavra “*philosophia*” traduzida como o amor e o desejo da sabedoria, torna-se a doutrina da filosofia.

Adquirindo então uma dupla tonalidade se tornará, a um só tempo irônica e trágica:

- Irônica - o verdadeiro filósofo compreende que é aquele que nada sabe ou que conclui seu saber destituído de valor, reconhece-se não-sábio e nesse reconhecimento verifica que permeia um mundo intermediário entre sábios e ignorantes.
- Trágica - vive pelo desejo de alcançar o mundo da sabedoria, que por hora não poderá alcançá-la por estar vinculada a uma norma transcendente. O filósofo sabe que não pode obter por completo o que deseja, pois está aquém de deuses e sábios.

A partir desse entendimento platônico fica evidenciado um percurso ilimitado entre a filosofia e a sabedoria. Não havendo no âmbito desse espaço próprio um caminho condensado, o filósofo aparecerá como mediado, a transitar entre um estágio e outro. Sua figura desmistificada deixará de ser o “detentor” de um saber acabado para se integrar como qualquer um que tenha consciência de sua deficiência no saber e, ao mesmo tempo, portador da vontade existente em si e que o atrai para o conhecimento. A partir desse ponto, a filosofia aparecerá para o filósofo como uma experiência de amor, considerada um exercício de sabedoria e prática de um modo de vida. Essa afirmativa é de tamanha importância para toda a história da filosofia, pois é nessa experiência de amor que se consolidará o desejo de sabedoria e de beleza.

1.3A filosofia como modo de vida no platonismo

A Academia de Platão foi reconhecida em diversas épocas como perfeita em sua organização e pela qualidade de seus integrantes, que para alguns foi inspirada pelo modelo socrático e pitagórico.

Com Platão, explica-se que a dialética praticada à época não se limitava somente aos exercícios lógicos, que faziam parte de uma formação ética e intelectual, como também a um meio físico, onde o contato entre seus integrantes era necessário para a formação moral e política do indivíduo. Esclarecendo que a formação para a dialética era absolutamente necessária, mas não um exercício especificamente lógico, porém, antes de tudo, um exercício espiritual, logo exige dos seus interlocutores uma transformação interna, um esforço realizado em comum por dois interlocutores nas apresentações racionais de um discurso sensato. Em

seu diálogo *Timeu*, afirma que é primordial exercer a parte superior da alma ou o intelecto para que se harmonize e compreenda a divindade. Distingue aqueles que filosofam dos que não filosofam como demonstração deliberada do renovar-se a cada dia nesse movimento dialógico.

A filosofia, sob a nova ótica da dialética, será o movimento pelo qual o indivíduo transcende sua realidade limitadora e apresenta-se como sendo um exercício de racionalidade não representando um saber absoluto, mas um saber proveniente entre interlocutores, no qual são superados seus pontos de vista particulares no ato dialógico. O objeto da discussão e o conteúdo doutrinal têm importância secundária neste atual estágio, o que será levado em conta é o diálogo na vivência prática e na transformação a qual ele conduz. Esse movimento a que o ser se propõe já é aprender e esse aprendizado implica em uma escolha de vida concretizada pelo ente em seu interior. Conforme o autor evidencia: “Viver de modo filosófico é, principalmente, voltar-se para a vida intelectual e espiritual, realizar uma conversão que põe em jogo toda a alma, isto é, toda a vida moral.” (HADOT, 1999, p.102).

Segundo essa perspectiva, deduz-se que na Academia havia como formação do homem, uma concepção própria de ciência e saber, assim como uma educação do caráter como desenvolvimento da personalidade humana, ou um modo de vida, bom à alma.

Em sua fundamentação Hadot atesta que esse modo de vida confirma haver um movimento interno que deve ser renovado a cada dia, considerando-se o mesmo como sendo um exercício superior próprio da alma, do intelecto. Tal estímulo servirá à parte racional do ser e sua pertinência servirá a conservação da calma nos momentos difíceis, sem conturbação, transformará em máximas as disposições interiores, promovendo a modificação necessária para agir com consciência de causa. (HADOTT, 1999 p. 104).

Viver no platonismo, já é uma escolha a um modo de vida filosófico. Reconhecemos a figura de Sócrates em Platão, como um representante legítimo do filósofo em exercício pleno da filosofia como modo de vida, embasada pela virtude disposta em desejar o bem mediado pelo pensamento. Ambos integrados em um só ato.

Platão formulou para todos os filósofos da antiguidade, e que trazemos para nossas reflexões, a atitude que o filósofo deve manter diante de uma cidade corrompida, conforme seus escritos em *República*, VI, 496:

Em diminuto, ó Adimanto, é, pois, o número restante dos que podem ter dignamente comércio com a filosofia [...]. Ora, dentre este pequeno número, aquele que se tornou filósofo e saboreou a doçura e a felicidade que proporciona a posse da sabedoria, que viu bem a loucura da multidão e como não há por assim dizer ninguém que faça algo de sensato no domínio dos negócios com o qual pudesse ir

em socorro da justiça sem perder-se, mas que, ao contrário, como um homem caído no meio dos animais ferozes, que se recusa a participar de seus crimes e é, além disso, incapaz de resistir sozinho a estes seres selvagens, pereceria antes de ter servido à pátria e aos amigos, inútil a si mesmo e aos outros: penetrados por tais reflexões, mantém quieto e ocupa-se de seus próprios afazeres; semelhante ao viajor que, durante uma tempestade, enquanto o vento levanta turbilhões de poeira e chuva, se abriga atrás de um pequeno muro, ele vê os outros manchados de iniquidades e é feliz se consegue viver a sua vida neste mundo isento de injustiça e atos ímpios, e abandoná-lo, sorrindo e tranquilo, com uma bela esperança.

O filósofo desafiado a tomar ciência de sua impotência diante dos fatos humilhantes que a sociedade se vê circundada, será convidado a se apresentar como cidadão do mundo e sua filosofia representada como um modo de vida.

1.4 A filosofia como modo de vida no aristotelismo

No que se segue faz-se necessário evidenciar como bem disse (HADOT,1999,p.133), sucessores e comentadores de Aristóteles, realizaram grupamentos e interpretaram sua obra como se fosse a exposição teórica de um sistema de explicação de toda a realidade. Há uma imensidade de seus tratados destinados a uma comunidade abrangente.

Portanto, juntamente com o autor, nossa atenção volta-se sobre a representação que se fez, e ainda se faz da filosofia de Aristóteles, havendo evidências claras de que a mesma foi concebida como um modo de vida tendo como meta a formação para a vida filosófica visto que seu ensino oral destinava-se a ouvintes determinados, ficando o ensino prático e político aos que estão fora do Liceu.

Encontra-se disposto no contexto aristotélico, uma distinção entre a felicidade que o ser pode defrontar na vida política e ativa de modo secundário e a felicidade filosófica como uma escolha de vida dedicada inteiramente à atividade do espírito. Tal escolha é feita por si mesmo e por um saber elevado determinado pelo caminho percorrido em direção à condição de ser sábio.

A felicidade filosófica determinada por quem decidiu por esse caminho somente será encontrada numa vida centrada no espírito, traduzida na virtude do homem, sua parte mais elevada direcionando-o à ausência de conturbação. Assim o espírito empreende nessa vida o encontro consigo mesmo, fomentando na relação com o outro sua independência, bem como sua relação com coisas materiais, passando a proceder unicamente de si mesmo. Na questão relativa à prática das virtudes morais, é evidente a supressão das paixões. Essa felicidade,

contudo não será atingida em todo momento, somente na medida do possível e em raros momentos em um exercício interno, como uma atividade do espírito de contemplação do Intellecto Divino. No restante do tempo, o filósofo terá como ponto de demarcação o concentrar-se no modo secundário da vida ativa ou felicidade inferior na investigação. Agir na cidade e ter clareza sobre ela. Há ainda um terceiro modo de vida, que é vivida no que o filósofo chamou de distanciamento, representando forma elevada de felicidade. Está além da condição humana cuja distância é a mesma que separa o homem de Deus e o sábio do filósofo, um o modelo de um conhecimento cujo fim está senão em si mesmo, quando compreende o modo de vida do primeiro princípio, o Intellecto divino, segundo suas palavras:

{...} seu modo de vida é comparável àquilo que, para nós o modo de vida melhor, visto que não podemos viver senão por pouco tempo; pois ele permanece sempre nesse estado, quando isso para nós é impossível.

Segundo o autor existe também em Aristóteles uma filosofia consistente em um modo de vida teórico, exemplificada pela filosofia prática, vivida, ativa, que leva à felicidade, ao mesmo tempo uma ética: escolher o conhecimento como fim, tal proposta ética baseia-se no desinteresse e na objetividade.

É, sem dúvida, uma grande proposta. Com Hadot, Aristóteles revela-se um considerável organizador de pesquisa, debruça-se sobre um imenso conhecimento de toda natureza, colecionador exímio de fatos cujos resultados objetivaram fazer comparações e analogias, classificação e causas dos fenômenos. Agregado à observação e o raciocínio há correspondência com os fatos observados. Para o discípulo de Platão, a vida do espírito, o modo de vida teórico, consiste, em grande parte em, observar, investigar e refletir sobre essas observações. Compreendemos a partir de então que conhecer traz com total garantia a felicidade, e certamente ele a experimentou como algo irresistível. Com ele pressentimos na natureza uma presença divina expressa no sentido das palavras de Heráclito, filósofo, considerado o pai da dialética, quando nos diz: O fogo é divino, em um texto que nos retrata a visita de estrangeiros à sua casa e onde o mesmo faz o convite para irem até a cozinha e observarem o fogo que arde na lareira, numa alusão de que não há limitação ao sagrado.

Em Aristóteles, no entendimento do autor francês, o intelecto humano está afastado no tempo e no espaço da perfeição da *theoria*, representada pelo exercício da sabedoria como expressão da vida filosófica, que só se aproximará em determinados momentos. Por outro lado, é na vida teórica como atividade do espírito com variados níveis que vão do mais simples aos mais complexos, que o filósofo escolherá uma vida dedicada à investigação a qual se traduzirá por um discurso filosófico cuja culminância se dará à verdade e à realidade pela

sistematização da assimilação que o ouvinte empreender. Evidenciando-se em duas categorias: os que já possuem a predisposição ou receberam boa educação cuja apropriação dos discursos morais irão concorrer para a transformação das virtudes em aplicação consciente e os escravos de suas paixões, os quais não serão influenciados pelo discurso formadores de uma vida de virtudes. Podemos conferir a seguir com (HODOT,1999,P.136)

Quem é inclinado a obedecer a suas paixões escutará e sem proveito, pois o fim não é o conhecimento, mas a ação. É necessário trabalhar muito tempo o hábito da alma do ouvinte, de modo que ela exerça bem suas repulsões, do mesmo modo que retorna para a terra quem deve nutrir a sementeira.

Podemos concluir que para os que escolheram uma vida consagrada à investigação, ao estudo e à contemplação, a filosofia se apresentará como um modo de vida e um discurso simultâneo a contribuir para a perfeição do humano quer na cidade, legislando em garantia da virtude moral quer na aplicação da investigação e análise dos conhecimentos.

1.5 A filosofia como modo de vida no helenismo

O helenismo, período compreendido entre o séc. IV a.C., no qual se destaca Alexandre Magno, até o final do séc. I a.C., onde culmina com o suicídio de Cleópatra, rainha do Egito, ano 30 a.C., foi considerado um período decadente para a filosofia, um período inerte para a civilização grega em termos de crescimento intelectual. Nesse período destaca-se a grande expansão do território grego pelo Oriente, e atrelado a isso, a expansão da sua cultura. Ao contrário de que alguns autores evidenciaram, principalmente do início do séc.XX, tal período foi significativamente próspero para todas as áreas do conhecimento. A medicina teve grandes avanços e descobertas, a matemática, a astronomia e as artes obtiveram novos conceitos e teorias, e por fim, a filosofia teve intensa atividade e foi marcada, principalmente por novas escolas filosóficas: estoicismo, epicurismo, ceticismo e cinismo. O Museu de Alexandria e a Biblioteca tiveram papel imprescindível na compreensão tanto da literatura, da filosofia e das ciências. Grandes nomes das diversas áreas do conhecimento apareceram que citamos alguns seguir, como: Herófilo, médico, reconhecido como Pai da Anatomia, Erasístrato de Chio, anatomista, Aristarco de Samos, matemático e astrônomo, Arquimedes de Siracusa, matemático, físico, Euclides de Alexandria, matemático e escritor, reconhecido como Pai da Geometria, além de outros que deixaram suas contribuições a posteridade.

Nesse período muitos aprendizes oriundos da Grécia, África, Itália e demais regiões, chegaram a Atenas para formarem-se políticos bem como filósofos, formação que lhes

permitiam exercer atividades em suas regiões de origem. Integrar-se a essas escolas se dá em função do modo de vida exercido e pela escolha de uma concepção de sabedoria. Fazia parte da aprendizagem, não somente a formação na arte de governar, mas o auto governar-se, assenhoreando-se dos princípios intelectual e espiritual que é através do diálogo entre mestre e discípulo. Apresenta-se nesse período do ensino filosófico a exposição de “teses” e como resultante discussões imprescindíveis a um exercício que se transformaria ao longo do tempo em teorias. Contudo esses exercícios tinham outra proposta, o governar-se a si próprio, visto que a formação filosófica do aprendiz possuía também outra finalidade, a da realização existencial. Para todo aquele que se acomodar a uma dessas escolas e colocá-la em prática como um modo de vida, será considerado filósofo.

Abordaremos aqui, sem a preocupação de aprofundamento de nossas reflexões, o Epicurismo, identificando nessa escola sua relação da filosofia com o modo de vida.

Epicuro de Samos (342a.C. a 271a.C.) fundador de uma escola cuja filosofia baseia-se em uma escolha e uma experiência no prazer puro do existir, visto que a infelicidade provém da incapacidade do reconhecimento do verdadeiro sentido do prazer, ensinando ao homem a sublimar-se em direção à cura da alma, conforme palavras contida em seu texto *Sentença vaticana*:

“A voz da carne diz: não se deve sofrer a fome, a sede e o frio; aquele que é senhor disso, e tem a esperança de possuí-lo no futuro, pode lutar até mesmo com Zeus pela felicidade.”

Para o pensador as necessidades do corpo, não são naturais nem necessárias, advêm de processos adquiridos pela ignorância do não conhecimento do que se apresenta, a exemplo dos medos, das paixões, devendo, portanto ser suprimidas, neutralizada pela vontade (*hedonê*) correspondendo a seguir a um estado de tranqüilidade da alma, que se apresentará de vital importância ao modo de vida. A filosofia como forma de conhecimento e um modo de vida servirá de caminho racional à procura do prazer puro de que são incapazes de lograr aqueles que se mantêm nesse estágio de busca e uma das causas está no não conseguirem contentarem-se com o que tem. Essa escola propõe um estudo sobre a física como explicação do que acontece no mundo e nos homens como forma de projetar o pensamento para frente, sempre controlado pela experiência como forma de realização. Para que isso aconteça faz-se inevitável a prática de um exercício constante de meditação que se dará não no isolamento, mas em conjunto com outros indivíduos. Adverte para a prática da disciplina dos desejos, das vontades, renunciando ao supérfluo. Outro objetivo consistirá na tomada de consciência do que existe, governando os pensamentos e estando sempre em agradecimento com a natureza.

A ética apresentará um discurso próprio e preciso que determinará a escolha do modo de vida no Epicurismo. A filosofia se desvelará como método fundamental à regeneração da alma e educação do ser como modo de vida em conformidade com o prazer.

1.6 Sócrates - verdadeira tomada de consciência

Para o filósofo francês, Platão imortalizou a figura de Sócrates, o qual viveu em Atenas, 469 a 399 a.C., como filósofo, isto é, como o homem que procura, a um só tempo, por seu discurso e por seu modo de vida. Para o oráculo de Delfos, é o mais sábio dos humanos, por compreender que seu saber é carente de qualquer mérito, sua forma de inteligência é o domínio de si, sua missão, recebida de Apolo, será fazer com que seus semelhantes tomem conhecimento de sua ignorância, seus diálogos provocam em seus discípulos verdadeira moda de uma forma literária. Com essa figura ímpar, o amor fica evidenciado, não só como o desejo do que é sabedoria e do que é belo, como também um desejo de fecundidade, ou de imortalizar-se produzido em uma vida ativa. A filosofia vivenciada pelo filósofo ateniense passa então a ser amor e investigação do saber, e a sabedoria é um modo de vida, próprio de uma escolha. Agindo por essa escolha de apresentar-se como quem nada sabe, retira de seus interlocutores as respostas que mais lhe interessa. Conhecida como ironia socrática, apresentada com dupla significação: o saber e a verdade são aquisições do indivíduo, inerentes à própria alma e ao mesmo compete descobri-la. A ironia socrática, *euroneia*, é a atitude psicológica a qual o filósofo ateniense utilizava para se autodepreciar e então atingir seu objetivo: desenvolver discursos que provocassem reflexões nos seus interlocutores sobre seus saberes. Conforme nos apresenta Cícero:

Sócrates, autodepreciando-se, concedia mais do que era necessário aos interlocutores que ele queria refutar; assim, pensando uma coisa em dizendo outra, ele tinha prazer em usar habitualmente essa dissimulação a que os gregos chamam: "ironia".

Sócrates, ao dizer que nada sabe, constata que saber não conduz conceitos adquiridos ou próprios, mas a valores da ação moral extraídos das experiências internas. "A partir dessa compreensão, o autor propõe: Filosofar não é mais como queriam os sofistas, adquirir um saber, ou um saber-fazer, uma *sophia*, mas é pôr-se a si mesmo em questão." (HADOT, 1999, p. 56).

Assim essa individualidade possuidora de grande influência, traz à consciência a realidade ignorante dos seus interlocutores, promovendo reações diversas nos mesmos, que

vão desde a alegria como de Nícias, a vergonha de Alcibíades ao perceber que ele, o filósofo, percebe sua *insatisfação* existente como resultado do seu modo de vida, disponibilizando-se como mediador na compreensão do que é ser político e como agir como tal. Com esses diálogos abrem-se as possibilidades necessárias à razão, promovido no que se verificou como o: cuidar de si, como cuidar da alma. Não se limitará a considerar, compor e decompor sobre esse ou aquele tema, ele se transformará tornando-se capaz de fazer uma relação de cada coisa com sua causa primária. Não estará mais como seguidor de tal filósofo ou filosofia, estará simplesmente à procura da sua Filosofia criadora. Um convite à vida da alma imortal para o “conhece-te a ti mesmo”, que passa pelo cuidar de si, anterior ao cuidar da cidade. Conforme as palavras de Foucault: foi Sócrates o primeiro a falar sobre o “cuidar de si”. (FOUCAULT, 2011, p.10)

Deve-se, contudo, viver observando e obedecendo as leis da cidade, mesmo que isso lhe sacrifique a própria vida.

Conforme o pensamento de Sócrates, os homens estão submersos na miséria, na angústia e no mal, porque estão na ignorância. O mal não está nas coisas, mas nos juízos de valor que os homens atribuem a elas. Há que mudar seus juízos de valor. Contudo, para mudarem seus juízos, devem fazer uma escolha radical: mudar toda sua maneira de pensar e ser, pois que saber e verdade são construções do próprio indivíduo, como Sócrates se afirma no Teeteto como parteiro na discussão com outrem. Conforme a escolha, a filosofia apresenta-se como modo de vida, uma proposta à tranquilidade da alma.

Escrever a cada momento as páginas do seu livro da vida, a observação no esforçar-se em conformar seu pensamento com o agir e agir no bem num cuidar constante de si é para o filósofo a busca da *sophia*.

Conquanto o tempo, como uma sucessão dos fatos ocorridos apresenta-se para o pensador no cotidiano uma compreensão, uma atitude verdadeiramente filosófica ou ainda um modo de vida. Sócrates propõe o cuidar da alma imortal estritamente relacionada ao divino e representada pelo homem: “Pois tudo o que faço em minhas andanças é vos instar, jovens e velhos entre vós, a não zelardes por vossos corpos ou vossas riquezas mais do que pela perfeição possível de vossas almas” (Apologia, 30ª).

CAPÍTULO II - EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

Ao longo de suas investigações acerca da filosofia antiga, Hadot demonstra que encontrou, em quase todas as escolas e dentre elas as cétricas, “exercícios” (áskesis, meletê), implicando práticas voluntárias e pessoais visando uma transformação do eu ao modo de vida filosófico

Há evidências que esses exercícios eram praticados pelos pitagóricos, os quais visavam o controle racional, ocorrendo pela manhã ou pela tarde, em forma de exercícios de rememoração, objetivando duplicar os acontecimentos do dia ou da vigília. Como exemplos temos Hiérocles, séc. V a.C., comentador de *Versos dourados*, conselhos que fazer referência à prática do exame de consciência; em Diodoro da Sicília e Cícero, cita exercícios de rememoração da jornada precedente e dos dias anteriores, na qual a prática desses mesmos exercícios era destinada a ampliar as capacidades da memória.

Porfírio de Tiro, filósofo, também trata desses exercícios como sendo um exame de consciência, dando conta a si mesmo das suas ações. Platão faz elogios a esse modo de vida em a *República*, sem, contudo, deter-se nos detalhes, levando-nos supor fazerem parte do seu dia a dia. Nas obras de Demócrito dedicadas à *euthymia*, referida pelos filósofos Sêneca e Plutarco como sendo um estado de equilíbrio da alma. Portanto há uma adaptação a um modo de vida cuja ação nos induz ao que se é capaz de fazer, de bem raciocinar, de bem falar, e fazer o que é necessário ou o ocupar-se de seus negócios. Em Antífone, há uma terapêutica proposta que podemos deduzir como exercício para cuidar das mágoas e das punições. Havia também uma opinião comum de ser ele, um exímio intérprete dos sonhos. Em o *Banquete*, há referência a Sócrates permanecendo imóvel a “ocupar seu espírito consigo mesmo”, evidenciando uma prática silenciosa de exercício espiritual.

Segundo esses e outros exemplos podemos concluir ter existido uma pré-história das práticas como exercícios vinculados à vida filosófica ou a um modo de vida, mesmo que estejamos diante de uma pobreza de fragmentos:

2.1 Exercícios do corpo e da alma

Segundo o autor, alguns textos fazem referência ao tema dos exercícios, não existindo, contudo, um tratado sistemático sobre a *áskesi*. Se tais existiam, a maioria deles fazia parte de um ensino oral. O que se sabe é que existiram alguns tratados *Sobre o exercício* atualmente perdidos. O estoíco Caio Musônio Rufo, séc. I, em seu tratado sobre esse assunto demonstra que

aqueles que iniciam o filosofar têm necessidade de exercitar-se. Citamos a seguir: "Por que estás parado? Pelo que esperas? Que o próprio Deus, estando ao teu lado, dirija-te a palavra? Corta a parte morta da tua alma e conhecerás Deus".

Ao separar exercícios inerentes a alma e exercícios ao corpo, distingi que esses exercícios tornam-se importantes na medida de sua repetição. É patente que os exercícios corporais dão ao corpo do atleta força e forma definida, enquanto os da alma, permite ao filósofo transforma-se a si mesmo. Esse duplo exercício apresenta-se justificado no homem virtuoso, livre e forte, cujo modelo é a figura do filósofo, mesmo nas visíveis diferenças.

Hadot relaciona como as escolas propuseram os exercícios (*ascese*) e o domínio de si, que será resumido abaixo. (HADOT,1999,p.273)

- ascese platônica, consiste em renunciar aos prazeres dos sentidos e em praticar um regime alimentar, em certas circunstâncias abstinência de carnes de animais, sob influência do neopitagorismo, ascese destinada a enfraquecer o corpo pelos jejuns e vigílias, para melhor viver a vida do espírito;
- ascese cínica, praticada por alguns estóicos, que faz suportar a fome, o frio, as injúrias, suprimir todo luxo, todo conforto, todos os artifícios da civilização, para adquirir resistência e conquistar independência;
- ascese pirrônica, aplica-se a considerar todas as coisas indiferentes, pois não se pode dizer se são boas ou más;
- ascese epicurista, limita seus desejos para chegar ao prazer puro;
- ascese estóica, retifica seus juízos sobre os objetos e reconhecendo que não se deve prender-se às coisas indiferentes.

Em todas essas escolas há um convite ao desdobramento do eu, que separa-se da materialidade e toma consciência de seu domínio sobre si. Ele se eleva de um estado limitado a um panorama universal, seja da natureza ou do espírito. Os exercícios espirituais significam, na maioria das vezes, o movimento que o eu se concentra em si mesmo, desvelando-o para o que acreditava ser. O filosofar, sendo um exercício que leva a um modo de vida, promove ao filósofo separar-se espiritualmente do corpo, descobrindo o eu puro, superando o ego, e a tudo o que o mantinha preso e o impedia de tomar consciência de si mesmo. Conforme Platão definia a filosofia como um exercício para a morte, uma separação da alma e do corpo, que adquirindo consciência do eu em sua plenitude triunfa sobre tudo o que prendia.

Plotino, filósofo, autor de *Enéadas*, nos ensina um exercício que podemos considerar como sendo uma alteração do modo de vida:

Se tu não vês ainda tua própria beleza, faz como o escultor de uma estátua que deve ser bela: tira isto, raspa aquilo, deixa tal lugar liso, limpa tal outro, até fazer aparecer uma bela aparência na estátua. Da mesma maneira, tu também tira tudo o que é supérfluo, corrige o que é torto, purificando tudo o que é tenebroso para torná-lo mais brilhante, e não cesses de esculpir tua própria estátua até que brilhe em ti a luz divina da virtude.

Conduzidos a essa relação de conhecimento, vamos encontrar também o testemunho de Marco Aurélio, Imperador romano, em seu livro *Meditações*, nos informando que é necessário: separar-se de “seu pensamento”, de tudo que pode inquietá-lo, do seu corpo, da alma que anima seu corpo, os acontecimentos, se separando do tempo passado e do tempo futuro, vivendo no presente, para atingir um estado de tranquilidade e serenidade, numa prática de exercícios espirituais através da escrita.

Observamos que, por meio desses exercícios, o eu envolvido pelos acontecimentos presente, se prepara para viver somente o momento breve e atual, o passado não tem significado, o futuro não lhe inquieta. O importante é o presente, lugar da ação, da decisão, da liberdade. Escolha, decisão, ação darão o colorido e a importância do presente. A consciência de si significa a consciência do eu que age e vive no momento presente, remetendo-nos a um exercício de atenção sobre si mesmo (*prosokhê*) e desvelo promovendo uma escolha de vida, em concordância com a vontade da Natureza universal. Nesse desvelamento que se apresenta para o filósofo, a cada momento, ele torna-se consciente do que é e do que faz. Remetendo-nos a Sócrates, verifica-se haver concentração no momento presente como um “exercício para a morte” conforme alguns relatos.

O pensamento do inevitável fenômeno da morte confere valor e gravidade, a todo momento, e ação da sua vida.

Aristóteles cita em seu texto a Nicômaco que: sentir que se vive é um prazer. Viver é então inevitavelmente sentir com prazer, júbilo, alegria, a contemplação da natureza em sua diversidade determinante, conduzindo a elevação do pensamento.

Com o autor francês entendemos que, em Epicuro de Samos, existe uma consciência no eu, de ser, ou puro prazer de existir, o que podemos considerar como prazer filosófico. A consciência atingida nos exercícios separa o eu do que lhe é desconhecido, ou o que está fora, provocada pela ilusão da alma. Verifica-se uma expansão do eu no cosmos provocando o que descreveu sobre suas dores atenuadas ao mergulhar no infinito. Assim, ao tomar consciência da existência a contemplação epicurista da natureza é atemporal, portanto, espaço e tempo passam a ter um novo entendimento o do infundo, no seio do qual o eterno se repete,

proporcionando o mesmo desenrolar de acontecimentos que constitui o mundo. O eu na totalidade do mundo, experimenta a imensa alegria de ser parte integrante do mesmo.

Com Hadot, os exercícios espirituais são uma espécie de desenvolvimento do eu na integralidade do que existe na realidade como verdade e não no imaginário. Diante disso a alma terá como destinação reconhecer as coisas divinas e humanas, discernindo tempore seres, ampliando-se pela imensidão, quando caminha pelo espaço e sobrepuja todo o Universo pelo conhecimento, enquanto o corpo continua apenas a habitar a cidade. Em toda tradição platônica, nota-se sempre presente o mergulho da alma no espaço cósmico.

No epigrama de Claudio Ptolemeu, matemático, astrônomo: “como mortal que sou, sei que nasci por um dia. Mas, quando sigo à minha vontade a densa multidão de estrelas no seu curso circular, os meus pés deixam de tocar a Terra”, fica claro a vontade e o desejo em unir-se à vida divina, ocasionada pela dimensão de seu pensamento “voando” nos espaços celestes. Tal experiência evidenciada como exercício espiritual, provoca no mesmo, duplo sentimento: o reconhecimento do eu diante da pequenez, e o da sua grandeza. Tal exercício, como prática de desligamento ou distanciamento do eu da vida, tem como podemos observar, o objetivo de nos ensinar a ver as coisas com imparcialidade e subjetividade. Ao se colocar neste movimento de concentração, conseqüentemente de expansão para o Todo Universal toma-se imediata consciência de si, que será sempre reconhecida como exercício para morte, que é de alguma maneira, desde Platão, o sustentáculo da filosofia.

2.2 A figura do sábio e a escolha de vida

O autor traz para nossa compreensão que, em toda a Antiguidade, a sabedoria é um modo de ser e viver; um estilo em que o homem, ao penetrar nele, é automaticamente conduzido a se diferenciar dos outros homens. Sendo a filosofia uma atividade pela qual o filósofo organiza-se para a sabedoria, tal exercício não será realizado pelo falar ou discorrer sobre determinado assunto, mas que se dará principalmente em ser, agir, olhar o mundo por outra ótica, ou seja, diferente do vulgarmente conhecido. Como a filosofia não mais se apresenta somente como discurso, sua compreensão torna-se evidente como sendo uma escolha de vida, uma tomada de decisão existencial e um exercício vivido, contido na mesma, está à vontade da sabedoria. Assim estamos confortáveis na apropriação da mesma, representada como a interiorização da ideia de estarmos diante um saber ainda imperfeito e inacabado. Vimos em Platão e em Aristóteles, que esse saber não tem consistência na apropriação externa de

informações sobre a realidade, mas sim em um modo de vida equivalente à atividade que é interligada pela excelência e virtude da alma.

A figura do sábio, daquele que permanece idêntico a si mesmo, feliz em qualquer circunstância e que possui a serenidade de alma, é o ponto culminante que determina o modo de vida do filósofo, observado mediante diferenças existentes nas diversas escolas filosóficas.

Com Sócrates, no Banquete de Platão, vê-se a figura do sábio na contingência de suportar as adversidades, sabe abster-se e usufruir das coisas, basta-se a si mesmo exteriorizado na ausência de necessidades, indiferente às coisas e ausente às perturbações.

Segundo Xenofonte, em *Memoráveis*, o sábio, vive desse modo suficiente, sem sofrer com coisas supérfluas.

Em Platão, uma das características do sábio fica evidente na afirmativa socrática de que: tal homem basta-se para ser feliz sem necessidade de outros, (HADOT, 1999, p.315). No corpo, sede de seus desejos e paixões estão contidos instrumentos que levam à desordem e à inquietude da alma. Ao permanece idêntico a si e ele se torna pleno. As coisas exteriores não o perturbam, porque tem sobre elas um juízo de valor, elucidando sua indiferença. Essa indiferença do sábio é o resultado da sua transformação em relação ao mundo. As qualidades que integram seu ser são: a igualdade de alma, ausência de necessidade, indiferença às coisas indiferentes, componentes que garantem sua tranquilidade e ausência de perturbação, pois tem por princípio, seguir sempre em direção oposta ao mal.

Em Aristóteles, o sábio consagra-se ao exercício do pensamento e à vida do espírito. O divino é o modelo do sábio; a condição humana o torna frágil, mas essa fragilidade é interrompida pela da atividade do espírito.

Para Epicuro, são os assombramentos pelo desconhecimento, do que seja a morte e os medos dos deuses os que inquietam, assim também os desejos desordenados e o envolvimento com os negócios da cidade, os principais obstáculos aosque desejam tornarem-se sábios.

Xenócrates teria dito, reafirmando os pensamentos anteriores, que: “a filosofia foi inventada para fazer cessar a perturbação que produzem os cuidados” (HADOT, 1999, p.317).

Para os estóicos o sábio é raridade, existindo pouco deles. Conhece a mesma felicidade que a Razão universal personificada por Zeus, eleatingiu a perfeição da razão, fazendo refletir sua razão com a Vontade divina. A figura do sábio convida a uma transformação total da percepção do mundo, visto que a consciência de si é inseparável de uma expansão no todo que o engloba. (HADOT,1999, p.326)

Para os epicuristas, Epicuro é o sábio por excelência. Ninguém se torna sábio pouco a pouco, mas por uma transformação. Representante de um modo de ser diferente, incomum e perfeito em sua serenidade.

Corroborando com o exposto acima, fica evidente que a configuração do sábio apresenta-se como um reduto libertador pela consciência de si mesmo, que pode, pelo impulso de sua vontade, agir sobre seus próprios juízos, dirigindo-os ou suspendendo-os, garantindo sua independência do que lhe é desfavorável, assumindo o papel decisivo na escolha da vida filosófica.

Para Pierre Hadot, contemplar o mundo e a sabedoria é filosofar em última instância, para finalmente tornar-se sábio, é operar uma transformação interior, uma mutação da visão, que permite reconhecer, ao mesmo tempo, duas coisas às quais raramente se presta atenção, o esplendor do mundo e o esplendor da norma que é o sábio. (HADOT, 1999, p.328)

O único sábio universalmente reconhecido pelas escolas antigas é Sócrates, que não sabe que é sábio.

Mencionamos aqui a título de observação que historiadores da filosofia não deram destaque merecido ao lugar que tinham na filosofia antiga o enfoque que descreveria a figura do sábio, o que fica evidenciado pela ausência de informações.

Contudo apresentamos uma proposta para que possamos responder questões como: o que faria o sábio, nessa ou naquela circunstância?, numa exposição sobre a forma ideal, as particularidades do modo de vida do sábio.

CONCLUSÃO

Ao chegarmos ao final deste trabalho, inferimos que o entendimento filosófico, cuja origem está na antigüidade, subsiste em uma nova noção de filosofia, que se difere em muito, como vimos, da adotada pelos filósofos da modernidade. Com Pierre Hadot, a questão sobre a velha filosofia novamente é trazida ao pensamento na atualidade: afinal, o que é, para queserve, como viver a filosofia? Como viver como filósofo nos dias atuais?

Para Sócrates, seu saber não estava localizado nas construções teóricas abstratas, acreditava que este, em sua totalidade, era impossível de ser alcançado, por isso nada sabia, contudo a busca era suficientemente capaz de fornecer-lhe a tranqüilidade da alma.

Em quase todos os antigos identificamos as práticas dos exercícios espirituais e, no modo de vida filosófico, as possibilidades de promoverem efetivamente sua transformação num movimento constante sobre o cuidar de si e mais, vê o universo com novos olhos, como se o visse pela primeira e última vez, num eterno presente, sem passado ou futuro.

Hadot sugere que a noção da filosofia antiga seja disponibilizada nas universidades modernas como uma escolha consciente que o filósofo faz por um modo de vida, que determina seu discurso filosófico, verdadeiro para toda filosofia, ultrapassando as oposições particulares, avançando para uma visão universal, onde poderemos nos colocar no lugar do outro mesmo que exija um enorme esforço. Nas palavras de Foucault "Não há relação de poder entre sujeitos livres.

O filósofo estará só na caminhada em busca da sabedoria profunda e generalizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLECKBURN,S. *Dicionário Oxford de filosofia*. Consultoria da edição brasileira, Danilo Marcondes; trad.Desidério Murcho. RJ: Zahar,1997.

COSTA.A.H. (org.)*Manual de iniciação à Filosofia*,Petrópolis,RJ,Vozes,2008

FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do sujeito*. Curso dado no Cóllege de France (1981-1982). Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma TanusMuchail. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____ *História da sexualidade*,vol.2,-o cuidado de si. São Paulo. Editota Graal,1994

HADOT, P. *O que é a Filosofia Antiga?*Trad.Dion Davi Macedo. São Paulo. Edições Loyola,1999.

_____ *Elogio da Filosofia Antiga*. Aula inaugural no Cóllege de France (18/02/1983). Trad. Flávio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. Edições Loyola,2012.

_____ *Elogio de Sócrates*. Texto de conferência (1974) na Sessão Eranos, Ascona, Suíça. Trad. Flávio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. Edições Loyola, 2012.

_____ *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*. Trad. Flávio Fontenelle., E. Realização, 2002.

JAEGER, W. *Paidéia. A formação do homem grego*.Trad. Artur M. Parreira. São Paulo/Brasília,;Martins Fontes/Editora.Universidade de Brasília,1986.

PLATÃO.*A República*, 2ª ed. Trad. de Carlos Alberto Nunes. PB: Editora Universidade Federal do Pará,1988.

_____ *Apologia de Sócrates*,seleção textos José Américo Motta Pessanha. Trad. Enrico Corvisieri, Nova Cultural,2004.

REALI, Giovanni.*O saber dos antigos*,trad.Silvana Cobucci Leite. SP: Edições Loyola,2011.

XENOFONTE. *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates*. Seleção textos José Américo Motta Pessanha. Trad. Enrico Corvisieri. SP: Nova Cultural,2004.

_____ . *Defesa de Sócrates*.4ª edição.Tradução de Jaime Bruna. SP: Editora Nova Cultural,1987.